

O MÚSICO E A FLAUTA: SENTIMENTO DE PERDA NA CORRESPONDENCIA DE POSSIDONIO ENVIADA A RAIMUNDO QUEIROZ

Audrey Maria Mendes de Freitas Tapety*

A pesquisa que originou essa comunicação iniciou-se em 2012. O projeto foi montado a partir do desejo de trabalhar a Escrita de si, um veio explorado por especialistas da teoria da linguagem, críticos literários e mais recentemente por historiadores. É provável que estes últimos tenham se voltado para fontes como cartas, diários, documentos pessoais, dentre outros, em virtude da ruptura dos grandes paradigmas que privilegiavam as grandes narrativas. O indivíduo volta à cena e nos parece que a micro-história tem grande responsabilidade sobre este caminho diverso tomado pelo historiadores. Devo acrescentar todavia a pesquisa está apenas se iniciando..

Nas últimas duas décadas houve um alargamento no campo de investigação do historiador que possibilitou, hoje, dispensar um olhar mais sofisticado à novos objetos, temas e certos gêneros de escritos como a escrita de si, que privilegia os diários, correspondências, biografias e autobiografias. Nessa prática de escrita um novo *locus* de investigação histórica passa a ser valorizado, o espaço privado no qual as práticas escriturísticas estão delimitadas.

A escrita de si amplia a possibilidade de apaziguamento da solidão. O ato de produzir uma escrita de si transforma um velho caderno de notas em companheiro inseparável onde ali são tramadas as múltiplas referências e identidades de quem escreve. A produção advinda dessa parceria resulta também em narrativas acerca de questões que podem suscitar o respeito humano e em algumas vezes constrangimentos. Dessa forma, (FOUCAULT, 2010, p.145) advoga que “o constrangimento que a presença do outro exerce na ordem da conduta, a escrita o exercerá na ordem dos movimentos interiores da alma” (FOUCAULT, 2010, p.145). Este mesmo autor nos lembra que “a escrita constitui uma experiência de pedra de toque: revelando os movimentos do pensamento, ela dissipa a sombra interior onde se tecem as tramas do inimigo” (FOUCAULT, 2010, p.145).

As missivas apresentam-se como uma prática da escrita de si, que no início do século XX, quando ainda não disponibilizava-se de outros meios de comunicação constituiu-se prática recorrente. Dessa forma a interlocução epistolar configurava-se não apenas um meio de encurtar distâncias, mas uma aventura prazerosa pelo mundo da escrita.

* Professora Mestra da Faculdade Piauiense. E-mail: audrey.tapety2@hotmail.com

O primeiro passo para realizar a análise quantitativa do material selecionado (as cartas escritas por Possidônio Queiroz- intelectual nascido na cidade de Oeiras – Piauí) foi identificar a documentação do acervo do personagem em questão.

Foi criada uma classificação dos missivistas por volume de cartas, de modo que se pudesse saber, quais eram os nomes mais presente nas correspondências enviadas por Possidônio Queiroz.

Devemos considerar que para analisar as correspondências aqui elencadas é preciso observar o “lugar social” de quem escreve: a posição ocupada pelo missivista, num dado momento, no campo intelectual e político. Nessa perspectiva localizamos Possidônio Queiroz num mundo estreito daqueles considerados como um intelectual que dedicou boa parte de sua vida a leitura e ao saber. Nascido em 17 de maio de 1904, iniciou os estudos básicos em escola privada, pois não havia, na época, escolas da rede pública. Quando foi criado o sistema de externato, Possidônio foi matriculado. Desde cedo, sempre se manteve envolvido com as grandes causas da sua cidade. Músico, escritor, professor e advogado prático (rábula), colaborador permanente do Jornal “O Cometa”, membro do Instituto Histórico de Oeiras e sócio correspondente da Academia Piauiense de Letras. Publicou com certa frequência artigos na Revista do Instituto Histórico de Oeiras.

As cartas são numerosas, heterogenias e dispersas numa linha temporal, o que dificultou, em certa medida, a classificação das mesmas. O nosso intento ao trabalhar as missivas atravessa a dimensão subjetiva dos diálogos estabelecidos entre Possidônio Queiroz e seus correspondentes.

As epistolas fazem parte de arquivo privado da família Queiroz, e que após a morte de Possidônio em 1995, foram cuidadosamente catalogadas por Rodrigo Queiroz que as separou por destinatário, dentre os quais :o cronista Arimatéia Tito Filho, Bugyja Brito, Anita Leocádia, Luís Carlos Prestes, Miridam Falci, Raimundo Queiroz dentre outros. Certamente que um mapeamento mais detalhado deve ainda ser realizado, tendo em vista a necessidade da classificação das correspondências por temas, datas, por destinatário, distribuição temporal, destacando o período e a frequência das trocas.

Como a intenção, desde o início da pesquisa não era trabalhar com um grande número de correspondências, mas construir uma amostra da qual se pudessem extrair resultados qualitativos no que se refere à questão de uma rede de sociabilidade e afetividade constituídas por Queiroz, o passo foi listar os nomes e a quantidade de cartas escritas por ele.

O corpus oferece pistas para se pensar inúmeros temas e questões que eram debatidas nas cartas. Questões que versavam sobre política, sociedade, cultura e religião e as

novidades no campo intelectual como, por exemplo, recomendações de leitura, artigos publicados em revistas, almanaques, jornais.

Vale ressaltar que as cartas, nesta comunicação, ganham *status* de objeto de investigação e constituem-se principal fonte de pesquisa a ser somada com outras fontes. Além disso, buscamos dar conta da subjetividade contidas nesses documentos bem como a expressão e a produção do eu, em seus diversos papéis sociais, em termos de sentimentos, vivências e práticas culturais. Para nós seres humanos, a característica afetiva da subjetividade é algo permanente. Edgar Morin (1996, p.52), sobre a noção de sujeito atesta que a subjetividade é algo constitutivo do mesmo:

Notamos que no mundo animal e em particular, no mundo dos mamíferos, a afetividade se desenvolve ao mesmo tempo em que o sistema cerebral. A afetividade, sim para muitos de nós, aparece como único rasgo constitutivo do sujeito.

A subjetividade de Possidonio manifestada em suas cartas revelam uma forma de percepção do mundo social que traz à tona os costumes, comportamentos e sensibilidades da sociedade em viveu.

As missivas referendadas nessa pesquisa fazem parte e expressam *Habitus*, ou seja, comportamentos regidos por valores próprios de uma dada época ou grupo social no qual se inserem ações individuais, num jogo entre indivíduos e contexto que constitui a dimensão da individualidade. O historiador poderá selecionar momentos significativos de sua vida que foram culturalmente construídos e internalizados ao longo da vida, vida que por ser fragmentada coloca as experiências numa temporalidade que varia entre o contínuo e o descontínuo .

Nessa perspectiva, “o *habitus*, enquanto disposições incorporadas para sentir pensar e agir permite o ordenamento e a unificação de práticas, ações, comportamento e representações que convergem para a compreensão do eu, mas também de uma dada sociedade” (MALATIAN, 2000, p.201).

Referindo-se muitas vezes as suas recordações e ao cotidiano de sua terra natal os autores das cartas escreviam para atualizar os interlocutores. Possidonio envia uma carta a Miridan Falci, informando sobre o dia-a dia de Oeiras. A historiadora Miridam Falci pesquisava nesta época sobre os costumes, práticas sociais e culturais de Oeiras e pede ao amigo que lhe envie jornais velhos que registrassem os temas mencionados há pouco.

Possidônio, prontamente atende ao pedido, recorrendo as lembranças, devido a escassez das fontes, rabisca um breve texto contendo informações acerca dos assuntos solicitados e encaminha por meio da carta datada dia 12 de novembro de 1990 informando,



“Ainda do interesse da colenda contrerrânea a saber dos velhos costumes da terra onde nasceu o nosso estimado Bugyja Brito, disse também na sua carta. Somente para obedecê-la rascunhei alguma coisa, que certamente já é do seu conhecimento” (QUEIROZ, 1990). Então narrou de forma breve sobre as novenas de Oeiras, revelando que nas duas primeiras décadas do século XX, a igreja era local de encontro religioso e social pois na cidade não tinha luz nem praças, nem clubes sociais, nem áreas de lazer.

Relata também sobre a exclusão feminina da folia de Momo, pois esta era uma festa exclusivamente do universo masculino. Sobre os convescotes, argumenta que poucos na época da escrita da missiva, conheciam o significado do termo, esclarecendo aos leitores o seu sentido denotativo. Para a realização dessa manifestação de sociabilidade eram escolhidos sítios, chácaras e quintas de parentes ou amigos próximos. Ressalta da mesma forma, os passeios no Morro da Sociedade aos domingos. Sobre os bailes menciona nessa missiva que eles eram realizados em casas particulares e no edifício da prefeitura por não haver clubes sociais na cidade. Nessas ocasiões, danças preferidas era a valsa, o chote, a mazurca e a quadrilha. O homem dançava afastado da mulher.

As cartas informam também suas opiniões, projetos, interesses e sentimentos; há desde boletins de saúde quanto bilhetes de lisonjas trocados entre si, constituindo dessa forma uma escrita auto referencial que formata e renova suas identidades pessoais e profissionais através desses documentos.

A troca dessas epístolas criava uma rede de informações sobre os principais debates literários no Piauí e no Brasil e pontuava a efervescência que se instalou durante o período estudado (década de 80 e 90) com relação a circulação de ideias literárias e intelectuais através da publicação de livros, jornais, revistas, conferências realizadas sobre variados temas nas academias, o resultado dessa produção em geral era enviada por meio de cartas atualizando-os das últimas novidades na produção literária local.

Ocupa um grande lugar nas cartas de Possidônio Os “bilhetes de lisonja”. Em carta datada de 1988 elogia o amigo Bugyja Brito pelo trabalho realizado sobre a grafia de Piauí com HY afirmando: “li-o mais de uma vez atentamente. Nele demonstra o eminente contrerrâneo, os seus abalizados conhecimentos da linguagem dos nossos íncolas, cujo conhecimento deu extraordinário trabalho aos abnegados jesuítas que se empenharam apostolicamente na evangelização dos primitivos habitantes da terra de Santa Cruz.”

Em carta do dia 05 de outubro de 1990 Possidônio, como de costume, reitera a admiração e encantamento por outro corresponde, a historiadora Miridam Falci que residia/reside no Rio de Janeiro quando afirma em trecho da carta referida



[...] em tempos que se foram afirmava-se que a mulher era menos inteligente que o homem [...] isso era raciocínio abusivo de rabugentos machões, sem se lembrarem eles de Aspásia na antiguidade, de madame Curie nos tempos hodiernos, e eu digo da Dr^a Miridam neste final de século XX... A Dr^a Miridam desmente a assertiva debruçasse sobre assuntos áridos, vai-lhes ao âmago, pesquisa-os em mergulhos profundos, até as nascentes e de lá emerge trazendo as mãos cheias de preciosidades. E continua os comentários elogiosos “ a Dr^a Miridam junta a grandiosidade da mulher, o talento a inteligência e a cultura.

Sempre imbuído do espírito de lisonja e solicitude para com os correspondentes, Possidônio se mostrava educado, prestimoso e sempre disposto a atender aos mais variados pedidos daqueles com os quais se correspondia. Em carta dirigida a Anita Prestes, Possidônio informa que desenvolverá esforços para conseguir um mapa que representava a passagem da Coluna Prestes por solo piauiense, muito especialmente por Oeiras, solicitado pela historiadora que pretendia incluí-lo em livro a ser publicado.

As missivas também abriam espaço para os boletins de saúde como explicitado no trecho da epistola encaminhada ao confrade Bugyja Brito no dia 02 de outubro de 1990. A referida carta inicia-se por versos de Camões o que demonstra a preocupação com a erudição, marca registrada que faz parte do mundo dos intelectuais. Os versos lhe serviram para metaforizar seu estado de saúde quando afirmava que ao sentar-se diante de sua velha Remington, lhe vinham logo a memória, os versos com que o divino caolho abre a estrofe do canto IV de “os Lusíadas”

Também a mim, depois da tempestade proveniente de doenças: tensão arterial alta, semi-surdez, problemas de vista (glaucoma)etc.. vou graças a deus, melhorando e alimentando esperança de porto e salvação. Isto é, a esperança de que vai me deixando a falta de coragem para qualquer leitura e para qualquer esforço intelectual, mínimo que fosse. Não tinha coragem. Uma terrível inapetência não para alimentos físicos mas para qualquer alimento da alma.(QUEIROZ, 1990).

As cartas, depois de datilografadas, passavam por revisão e, no geral, eram corrigidas de forma manuscrita. Esta prática pode ser percebida em carta registrada no dia 18 de julho de 1987 em resposta a Bugyja Brito, Possidônio Queiroz escreveu: sucede que nestes dias, apesar de mole, como disse acima, estou sem o haver solicitado, incumbido de uma difícil, nada fácil. Ele fez a correção grafando dessa forma “estou sem o haver solicitado, incumbido de uma *tarefa* difícil...

Outra categoria de temas presente nas cartas diz respeito aos informativos de óbito nos quais demonstrava sentimento de amizade e pesar. Essa prática pode servir não para engajar a comunicação, mas para escavar o fosso de uma distancia. Dessa forma, ele anuncia a morte do cronista Arimatéia Tito Filho. “O dia 23 de junho findo, foi sumamente triste para as letras piauiens... “O dia 23 de junho findo, foi sumamente triste para as letras piauienses.

Naquele dia deixou de existir o eminente professor José de Arimateia Tito Filho, ilustre presidente da Academia” (QUEIROZ, 1992).

De todas as formas da escrita de si as cartas certamente são as que mais deixam escapar os sentimentos dos seus autores, são as que mais revelam os movimentos interiores da alma, situando-se, pois no campo das subjetividades e sensibilidades.

Entre os documentos pessoais do sr. Possidônio Queiroz uma carta me chamou bastante atenção. Era uma carta curtinha datada de 11 de fevereiro de 1973, ano em que envia a seu filho mais velho Raimundo Queiroz, residente no Rio de Janeiro, o instrumento musical que havia lhe acompanhado a vida inteira: uma flauta. O estilo de escrita empregado nesse texto não havia sido reconhecido nas correspondências rastreadas até então. Estilo poético, romântico e metafórico. Essa carta afetou meus sentidos, aconchegando minha alma como a brisa leve das manhãs de junho em Oeiras-PI, a terra de Possidônio e da autora desta comunicação.

A manifestação de afeto que Possidônio, declarada na carta ao instrumento musical, a forma carinhosa como ele se expressava em relação a flauta era de tal modo intenso, que me fez lê e reler a missiva amiúde, lembrei-me na sequência de algo que eu havia lido sobre a memória das coisas e da dor – um texto de autoria de Peter Stallybrass, O Casaco de Marx: roupas, memória, dor (2012). A carta, assim como o ensaio inspirador mencionado há pouco, nos fizeram refletir sobre nossa relação com as roupas, e com as coisas em geral.

Logo no início da carta Possidônio Queiroz narra sobre o estado físico da flauta: estava velha e desgastada pelo uso, destaca também que já fazia algum tempo que não a manuseava. Relata ao filho que as sapatilhas do instrumento pareceriam ainda estar em bom estado, alerta então, que não deveria muda-las. “Antes de embala-la para enviar ao Rio de Janeiro permite que os netos brincassem com o instrumento musical, fato que se transformou em festa, uma vez que cada um pode sentir a doçura da flauta, cada um queria dar uma sopradinha”. O Carlinhos de tanta empolgação construiu uma flautinha de brinquedo com um pedaço de cano encontrado no quintal. Parecia tão familiarizado com instrumento que fez Possidônio comentar na carta enviada a Raimundo que o neto tinha talento musical. Informa ainda sobre o interesse de Carlinhos pela flauta que vai procurar um professor de música em Oeiras para iniciá-lo nas pegadas deusa da música.

Nesse instante inicio o diálogo com Stallybrass no tocante a vida social das coisas e de forma igual a este autor, considerando suas experiências, que tratam das lembranças e da dor em virtude da perda de um amigo, me apoio em sua narrativa relacionada ao casaco rebido de presente, para fazer a analogia com a flauta que Possidônio doou ao filho

Raimundo. O autor mencionado há pouco, recebeu como presente uma jaqueta, doada pela esposa, após a morte do amigo. Essa peça de vestimenta se constituiu em vetor das recordações de Stallybrass. Declara este que vestindo a jaqueta sentia a presença de Allon.

A flauta doada de presente ao filho por Possidônio parecia representar o que a jaqueta representava para Stallybrass. Assim como as roupas, as coisas, nesse caso, a flauta possui uma história. Não importa o quão gasta ela estivesse, sobreviverá àqueles que a tocaram/tocarão, pois, no caso foi passada de pai para filho, mas poderia ser manuseada por netos. A flauta persiste, fazendo a ponte entre pai e filho, e, entretanto mudando, á medida em que ela é remoldada por seu novo proprietário. Nesse sentido, a flauta “constrói conexões do amor através das fronteiras da ausência, por que ela é capaz de carregar o corpo ausente” (STALLYBRASS, 2012, p.23).

A flauta, assim como a jaqueta de Allon, estão associadas a memória, ou como anotou Stallybrass a flauta é um tipo de memória. Ao tocar na flauta pela ultima vez antes de enviá-la ao filho, Possidônio recorda os momentos que passava junto a sua companheira criando, compondo os acordes que o imortalizaram como músico, ela foi o seu primeiro instrumento e nela ele aprendeu a tocar. Inspirado pela Lira de Orfeu compôs belas canções que tratavam de amor, da amizade e do bem-viver. Em sua produção musical inclui-se também o hino de Oeiras e o hino em comemoração aos 250 da igreja matriz de Oeiras, hino comemorativo aos 40 anos da Diocese de Oeiras, para fim apenas nesses exemplos.

A forma como Possidônio narra o instante da despedida da flauta, a mim me pareceu mágico, como mágico foram as horas que passaram juntos, uma vez que o constituíram em um músico respeitável em todo o Piauí, onde suas valsas foram tocadas. O modo como ele se despede do seu instrumento de predileção, demonstra que a saudade do objeto já lhe inquietava a alma. Na preparação da flauta para a viagem, o silêncio tomou conta de todos, na sala. No instante de apartação do instrumento que ele amava e que o havia acompanhado ao longo de meio século, quando se apresentavam em concertos, tertúlias, saraus e nas serestas que embalaram noites e sonhos das moças casaduras, há um sentimento de perda. A sensação de perda cresce quando Possidônio tentou atualizar as experiências e vibrações outrora sentidas junto a flauta, ensaia um último acorde, tudo em vão! Ela já não responde como antigamente. Assim, ele compartilha conosco sua emoção. Sua manifestação na escritura da carta deixa transparecer o conjunto de sentimentos, dentre os quais a dor parece ser muito forte:



No momento da despedida, tentei arrancar algumas notas, mas a contragosto verifiquei que a flauta já me não conhecia, ela que outrora foi uma amiga quase inseparável. Que sons bonitos, maviosos ela me fornecia? Ficava muitas vezes, noite velha a dentro a manejá-la encantado com o que ela me dizia. Doce ao extremo, requeria um sopro suave fraco, porque do contrário, ela gritava magoada (QUEIROZ, 1973).

Ao examinar a carta em tela, percebeu-se que ela é registro, em certa medida, das memórias de Queiroz, portanto, subjetivas, fragmentadas e ordinárias como nossas vidas. Na carta o autor rememora o seu cotidiano, as noites em companhia de seu instrumento, relata os fatos a partir de suas reminiscências e subjetividades o que sugere que a escrita dos documentos pessoais são construções que agregam posturas ideológicas, mas sobretudo as suas experiências. “Estas se inscrevem numa temporalidade que não é a do vivido, mas a de suas lembranças” (GOMES, 2004:23). Lembrança, por seu turno, constituída a partir das percepções cotidianas que provocam as reminiscências. Possidônio narra os momentos dedicado à música e sobre as noites em claro a dedilhar sonoras melodias. Narra para demonstrar a importância dos momentos passados junto com o instrumento musical e para enfatizar o encantamento pelo objeto e a magia desta relação. Ele recorda da docilidade dos sons tirados da flauta, chegando a compará-la a instrumentos clássicos como o violino. “Nos graves de uma beleza encantadora. Notas cheias redondas, magníficas. Nos médios de uma riqueza de doçura que se assemelhava ao violino. Nos agudos afinadíssima e agradável ao ouvido” (QUEIROZ, 1973).

O amor de Possidônio pela flauta pode ser mensurado a partir da década de 1920, quando da passagem da Coluna Prestes por Oeiras. Naquela ocasião, o músico foi convidado pelos “revoltosos” paulistas e gaúchos para tocar nas tertúlias promovidas nas noites em que o comando da Coluna acampou na primeira capital.

aquele tempo nos dedicávamos aos estudos da flauta, este belo instrumento em que o maestro Patappio Silva imitava os pássaros, em que Aitamiro Carillo é o grande no Brasil, na hora presente, em que Jean Pierre Ranmpal é talvez, o maior no mundo de hoje. Tocávamos flauta mais para ruim que para sofrível. Os moços revolucionários souberam que amávamos a música. Resolveram fazer uma tertúlia sonora em casa do musicista Santos Polidoro (QUEIROZ, 1984).

A correspondência de Possidônio destacada nessa comunicação permitiu que obtivéssemos informações sobre as subjetividades e sensibilidades do autor no que tange ao relacionamento com a família e com a música. Ao encerrar a carta reitera sua devoção pelo instrumento, aconselha o filho que estude e que quando vier a Oeiras traga a velha flauta ou mesmo gravações de trechos tocados nela. Toda sensibilidade musical de Queiroz é registrada nesta missiva, sua preocupação com o despertar do talento musical do filho e a perpetuação

do espírito musical na família volta a ser ratificado neste fragmento da carta, em parágrafos anteriores exprime esse desejo em relação as netas Ceíça e Vanda quando assinala que as mesmas devem estudar um “pouco de música”. Seu esforço parece recompensado, sua neta Vanda Queiroz tornou-se, como o avô, respeitada musicista em Teresina compondo e cantado nas noites da cidade verde

Ler esta carta me permitiu entrar numa história sem conhecer as personagens envolvidas, e ao longo da leitura pude compreender a construção identitária da família associada à vocação musical e o sentimento do avô Possi em relação á flauta e a vontade de que seus entes o substituíssem no universo da música.

As cartas de Possi revelam bastante da sua personalidade complexa e do seu espírito erudito e vontade de sabedoria, sempre versando sobre os mais variados temas, porém a carta que trata da flauta, em particular, emociona e envolve a todos que a manuseiam, pois ao lembrar de sua juventude e do sabor de ser e fazer parte, do cosmo encantador da música nos faz compreender mais sobre a sociedade oeirense e o envolvimento de seus filhos pela música. Como documento de certo tempo e lugar, a carta de Possidônio revela o interesse dos oeirenses pela arte de compor, tocar e cantar. Este envolvimento com a música dos oeirenses provocou em mim a lembrança de um grupo de mulheres que se dedicam a arte de tocar bandolins, na Velha Cap. São senhoras que seduzem a todos que se permitem parar um instante e ouvi-las. São pessoas que, como Possi, provocam em nós sentimentos de amor e paz ao tocarem os seus instrumentos.

Referências bibliográficas.

CARTA enviada por Possidônio Queiroz a Buggy Brito no dia 12 de novembro de 1990.

CARTA enviada por Possidônio Queiroz a Buggy Brito no dia 05 de outubro de 1990.

CARTA enviada por Possidônio Queiroz a Buggy Brito no 11 de fevereiro de 1973.

CARTA enviada por Possidônio Queiroz a Arimatéa Tito Filho no dia 02 de julho de 1992.

CARTA enviada por Possidônio Queiroz a Buggy Brito no dia 02 de julho de 1984.

FOUCAULT, Michel. *Ética, sexualidade e política*. Organização e seleção de textos Manoel Barros da Mota. Trad. Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo In: GOMES, Ângela de Castro (Org.) *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. In: *O historiador e suas fontes*.



MORIN, Edgar. A religação dos saberes: o desafio do século XXI. Tradução e notas Flávia Nascimento. 4. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

SÁ, João de Carvalho. *Coisas de Oeiras*. Oeiras: s/ed. s/data.

SILVA, Conceição de Maria Freitas Tapety e. Apresentação. In *Possidônio Queiroz*. Memória piauiense. Teresina: Fundação José Elias Tajra, 1995.

STALLYBRASS, Peter. O Casaco de Marx: roupas, memória, dor. Trad. Tomaz Tadeu. 4.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.